



SEÇÃO: ESTÉTICA

## Uma estética da palavra filosófica: o filosofar enquanto transformação em Jean-François Lyotard

*One aesthetic of the philosophical word: philosophizing as transformation in Jean-François Lyotard*

*Una estética de la palabra filosófica: el filosofar como transformación en Jean-François Lyotard*

**Felipe Szyszka Karasek<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7669-637X](https://orcid.org/0000-0002-7669-637X)

[felipe.s.karasek@gmail.com](mailto:felipe.s.karasek@gmail.com)

**Recebido em:** 26 abr. 2020.

**Aprovado em:** 13 mai. 2020.

**Publicado em:** 28 jul. 2020.

**Resumo:** Neste ensaio, analisarei a perspectiva de Lyotard a respeito da significação da palavra filosófica como possibilidade de transformação da realidade. Para o filósofo, se é preciso transformar o mundo, é porque há nele uma aspiração à outra coisa. Assim, no presente, existe algo que anuncia e antecipa, que chama o futuro. Existe um sentido que circula pelas coisas, pelas relações entre os seres humanos, e transformar realmente o mundo significa liberar esse sentido. Este significado, em sua vez presente e ausente, é o que concede, a esta transcrição que é a palavra, não somente a plena responsabilidade do risco de errar, mas também, da possibilidade de ser verdadeira. Dessa forma, a ação transformadora não pode deixar de ser uma teoria, no verdadeiro sentido da palavra. É uma palavra que se arrisca a dizer, uma palavra que deseja o desejo da realização.

**Palavras-chave:** Lyotard. Palavra. Filosofia. Transformação. Estética.

**Abstract:** In this essay, Lyotard's perspective on the meaning of the philosophical word as a possibility for transforming reality is analyzed. For the philosopher, if it is necessary to transform the world, it is because there is an aspiration for something else. Thus, in the present, there is something that announces and anticipates, that calls for the future. There is a sense that circulates through things, through the relationships between human beings, and transforming the world really means releasing that meaning. Being present and absent, this meaning is what grants the full responsibility of the risk of making mistakes and also the possibility of being true through the word, which is its transcription. Hence, the transforming action cannot fail to be a theory, in the true sense of the word. It is a word that you risk to say, a word that desires the desire for fulfillment.

**Keywords:** Lyotard. Word. Philosophy. Transformation. Aesthetics.

**Resumen:** En este ensayo, analizaré la perspectiva de Lyotard con respecto a la significación de la palabra filosófica como posibilidad de transformación de la realidad. Para el filósofo, si es necesario transformar el mundo, es porque hay en él una aspiración a otra cosa. Así, en el presente, existe algo que anuncia y anticipa, que llama al futuro. Existe un sentido que rodea por las cosas, por las relaciones entre los seres humanos, y transformar realmente el mundo significa liberar a ese sentido. Este significado, por su vez presente y ausente, es lo que concede, a esta transcripción que es la palabra, no solamente la plena responsabilidad del riesgo de equivocarse, sino también de la posibilidad de ser verdadera. De esa forma, la acción transformadora no puede dejar de ser una teoría, en el verdadero sentido de la palabra. Es una palabra que se arriesga a decir, una palabra que desea el deseo de la realización.

**Palabras clave:** Lyotard. Palabra. Filosofía. Transformación. Estética.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Faculdade Meridional (IMED), Porto Alegre, RS, Brasil.

*"Não existe nem o silêncio absoluto nem a falta absoluta porque o mundo fala, mesmo que seja de uma maneira confusa, e porque os seres humanos continuam ao menos sonhando, o que já é muito quando não se quer ouvir nada".*

*(Jean-François Lyotard)*

Em 1989, Jean-François Lyotard publicou a obra intitulada *Por que filosofar?*, constituída por quatro conferências proferidas em 1964:

- a) Por que desejar?;
- b) Filosofia e Origem;
- c) Sobre a palavra filosófica;
- d) Sobre filosofia e ação.

As conferências foram proferidas nos anos 1960 e 1970, durante a fase em que Lyotard adotava uma posição crítica sustentada pela filosofia marxiana, a qual sustentará a abordagem a respeito do filosofar enquanto transformação.<sup>2</sup> Para Lyotard, a filosofia não é um terreno recortado na geografia das disciplinas, ou seja,

[...] é preciso acentuar que uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são tidos por filosóficos – ou porque seus autores são considerados autores da história da filosofia, de Platão a Sartre –, uma vez que se pode ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos considerados artísticos, políticos, jornalísticos filosoficamente.<sup>3</sup>

A leitura filosófica permite que o leitor se transforme na leitura, já que interfere nos modos habituais da recepção,<sup>4</sup> ao mesmo tempo em que o filosofar estimula o desenvolvimento de determinado tipo de escuta paciente que consiste na procura daquilo que permanece impensado, mesmo quando a questão ou o tema, já foi (já está) pensado. Assim, o curso de filosofia não ensina apenas aquilo que é preciso ler, mas como se

pode ler e, também, que nunca se acaba de ler ou, ainda, que nunca se leu exatamente aquilo que se leu. A leitura filosófica pressupõe, em outras palavras, a espera e a lentidão em um mundo regido pela mídia eletrônica e pela informática, as quais, possibilitando a informação e os intercâmbios em tempo real, criam uma sensação de simultaneidade e imediatez; em suma, pelo próprio capitalismo financeiro, que põe em xeque toda visão de longo prazo, em favor da circulação acelerada de capitais em escala global.<sup>5</sup>

Lyotard enfatiza que a resistência que a filosofia suscita – ou deveria suscitar –, e que deve ser preservada, por vezes, parece insuperável, pois os seres humanos falam o idioma de um mundo que fala: gozo, narcisismo, competitividade, sucesso, performance, realização – um mundo colonizado pela esfera da técnica e da ciência enquanto instrumentalização maquinal (um sentido enfraquecido de ciência) –, ou seja, pelo procedimento eficaz – idioma que também coloniza o comportamento (portanto, é um problema moral).<sup>6</sup> Assim, para o filósofo, a maior dificuldade do professor de filosofia é explicar ao estudante a paciência necessária, ou melhor, mostrar-lhe que ele deve suportar não progredir de forma calculável, aparente – que ele deve, enfim, começar sempre – “o que nega os valores atuais do prospectivismo, do desenvolvimento mensurável, da velocidade ou, como dizíamos, do gozo imediato”.<sup>7</sup> O mundo real fala sob a regra da troca econômica, generalizada sob todos os aspectos da vida, incluindo as afeições e os prazeres, e esse idioma do mundo compartilhado é de todo indiferente, senão antagônico, àqueles do curso filosófico: ou, ainda, representam a sua própria negação.<sup>8</sup>

A noção de transformação inclui perceber que os filósofos iniciam seus cursos e seminários de filosofia com uma aula inaugural que insiste na temática:

<sup>2</sup> “Um grande discurso legitimador, que, para mim, era um meio de vida, era uma razão pela qual viver. Não era somente uma teoria, por esse motivo mereceu um luto solene. [...] Não tratei diretamente desse discurso no campo da política; [...] passei para o campo da estética. Talvez tenha feito de modo um pouco ingênuo, dado que eu ainda não havia lido nem Adorno nem Benjamin: não sabia que outros haviam percorrido o mesmo caminho e, evidentemente, muito melhor do que eu” (OÑATE, T. Entrevista com Jean-François Lyotard. *A Parte Rei Revista de Filosofia*, Espanha, n. 49, p. 1-10, Enero. 2007).

<sup>3</sup> LYOTARD, Jean-François. *Moralités postmodernes*. Paris: Galilée, 1993. p.117.

<sup>4</sup> LYOTARD, Jean-François. *Le Différend*. Paris: Minuit, 1983. p. 9-21.

<sup>5</sup> LYOTARD, Jean-François. *Moralités postmodernes*. Paris: Galilée, 1993. p. 124.

<sup>6</sup> LYOTARD, Jean-François. *Le Postmoderne expliqué aux enfants*. Paris: Galilée, 1986. p. 88.

<sup>7</sup> LYOTARD, Jean-François. *Moralités postmodernes*. Paris: Galilée, 1993. p. 122.

<sup>8</sup> LYOTARD, Jean-François. *Moralités postmodernes*. Paris: Galilée, 1993. p. 122.

*O que é a filosofia?* Para Lyotard, essa preocupação é semelhante a um ato falho: “ocultação de um objeto ou de uma situação para a consciência, uma ruptura na trama da vida cotidiana, uma descontinuidade”.<sup>9</sup> O pensador sugere trocar a questão *O que é a filosofia?* pela questão *Por que filosofar?*, já que a última questão “coloca um acento sobre a descontinuidade da filosofia consigo mesma, sobre a possibilidade da filosofia estar ausente”.<sup>10</sup>

A questão *Por que filosofar?* se relaciona com a percepção da importância da presença do filosofar. Se, para a maioria das pessoas, a filosofia está ausente das preocupações, para o filósofo não é diferente: ele precisa seguidamente restaurar suas convicções filosóficas. Neste caso, a interrogação: *Por que filosofar?* ao invés de *Por que não filosofar?* também precisa ser analisada. A pergunta iniciada pelo *por que* solicita diversos complementos e atributos, porém, todos os complementos e atributos se direcionam ao mesmo sentido. *Por que* coloca a reflexão em uma posição de admiração (*thaumatzeln*), ou seja, a resposta poderia não ser o que é, ou simplesmente, não ser. Para Lyotard, *por que* carrega em si a destruição daquilo que questiona. Nessa pergunta se permite tanto a presença real da coisa questionada – entendemos a filosofia como um fato, uma realidade – e a sua ausência possível; está no *porque* tanto o viver quanto a morte da filosofia; temos e não temos a filosofia. A existência da filosofia está nessa situação aparentemente contraditória: a relação potencial entre o ato de filosofar e a estrutura presença-ausência.<sup>11</sup> Para compreender melhor essa relação, Lyotard sugere um estudo acerca do desejo, já que em filosofia existe: *philein*; amar, estar enamorado; desejar.

Nós adquirimos o costume - e a filosofia mesma, na medida em que aceita determinada maneira de examinar os problemas, de examinar um problema como o desejo sob o ângulo do

sujeito e do objeto, a partir da dualidade entre quem deseja e o desejado; a tal ponto que a questão do desejo se converte facilmente em saber se é o desejável que suscita o desejo, ou, ao contrário, é o desejo que cria o desejável.<sup>12</sup>

Lyotard enfatiza que essa forma de apresentar o problema pertence a uma categoria de causalidade, ou seja, seria desejável por causa do desejo e vice-versa. Seria um exemplo de pensamento orientado por uma crença nas dualidades – visão dualista das coisas; sujeito e objeto, cada qual com suas respectivas propriedades. Com a pretensão de oportunizar outro tipo de visão, Lyotard sugere que o problema do desejo deve ser abordado de outra forma. O desejo (*philein*) não coloca em relação uma causa e um efeito, sejam quais forem. O desejo é um movimento que vai em direção ao outro em busca de algo que falta a si mesmo. O outro (o objeto) está presente em quem deseja sob a forma de ausência. Quem deseja já possui o que lhe falta, de outro modo não o desejaria, e ao mesmo tempo não o tem, não o conhece, de forma que, se não fosse assim, não o desejaria.

Se nos voltarmos aos conceitos de sujeito e objeto, o movimento do desejo faz aparecer um objeto que já está no desejo, sem estar aí fisicamente em existência. [...] E o sujeito como algo indefinido, inacabado, que tem a necessidade do outro para se determinar, se completar, que está determinado por outro, pela ausência.<sup>13</sup>

Para Lyotard, em ambas as partes, existe a mesma estrutura contraditória, porém, simétrica: no sujeito, a ausência do desejo (sua carência) no centro de sua própria presença, do não ser no ser que deseja. E, no objeto, uma presença, a presença do que deseja (a lembrança, a recordação) sobre um fundo de ausência, porque o objeto está ali como desejado. Assim, o desejo é uma estrutura que combina a presença e a ausência. Existe o desejo na medida em que a presença

<sup>9</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar?*: cuatro conferencias. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>10</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar?*: cuatro conferencias. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>11</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar?*: cuatro conferencias. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>12</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar?*: cuatro conferencias. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>13</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar?*: cuatro conferencias. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

está ausente para si mesma. O desejo é provocado pela ausência na presença. Há desejo em algo que quer se realizar, se encontrar consigo mesmo. O desejo é a força que mantém juntas, sem confundi-las, a presença e a ausência.<sup>14</sup>

A filosofia pertence ao desejo tanto ou mais do que qualquer outra coisa que não é de uma natureza distinta a de qualquer outra paixão simples, mas simplesmente esse desejo, essa paixão que se curva sobre si mesma refletida, esse desejo, em definitivo, que se deseja. [...] A filosofia não possui desejos particulares, não é uma especulação a respeito de um tema ou uma matéria determinada, possui as mesmas paixões que as pessoas de seu tempo. [...] É o desejo que tem a filosofia como tem qualquer outra coisa.<sup>15</sup>

Como exemplo, Lyotard cita a ironia socrática, o diálogo platônico, a meditação cartesiana, a crítica kantiana, a dialética hegeliana, o movimento marxista; todos representam tentativas de pensar momentos históricos específicos, problemas do seu tempo. Representam a diferença no pensamento de sua época e cultura. Esses discursos não estão abolidos e ultrapassados, já que para Lyotard, os filósofos não inventam seus problemas, é "o movimento do desejo (*philéin*) na filosofia que mantém unido o separado ou separado o unido, esse é o movimento que atravessa a filosofia; a partir desse movimento com a própria filosofia, se filosofa".<sup>16</sup>

Existe, assim, uma forma de encontrar o desejo próprio do filósofo: com a filosofia, o desejo de desvia, se desdobra, se deseja. Então se coloca a questão *Por que filosofar?* A resposta de *Por que filosofar?* se encontra na pergunta *Por que desejar?* O desejo que conforme a filosofia se amplia e se interroga em seu movimento próprio. O filosofar significa obedecer ao movimento do desejo, estar compreendido nele e procurar compreendê-lo sem sair dele. Para Lyotard, nessa primeira análise,

a questão *Por que filosofar?* pode ser problematizada a partir da questão *Por que desejar?* E, ainda, em falta de uma resposta melhor, o autor entende que filosofamos porque queremos, porque nos apetece, e que, ainda, existe uma imanência do filosofar no desejo, e, assim, pretende a uma transformação do conceito de filosofar a partir do estudo do conceito de desejo.<sup>17</sup>

A partir dessa argumentação, percebemos que em Lyotard a noção de filosofar enquanto transformação implica, primeiramente, em transformar o entendimento a respeito do significado de filosofar, do significado do questionamento filosófico, bem como a relação entre filosofar e desejo. A partir disso, a noção filosofar enquanto transformação deve ser problematizada em relação ao problema da origem.

Lyotard se refere à seguinte passagem de Hegel, em *Diferença entre o sistema de filosofia de Fichte e Schelling (1801)*: "Quando a força da unificação desaparece da vida dos seres humanos, quando as oposições já perderam sua relação e suas interações ativas e já adquiriram sua autonomia, surge então a necessidade da filosofia".<sup>18</sup> Assim, a questão *Por que filosofar?* se relaciona com as seguintes percepções: deve-se filosofar porque a unidade foi perdida e, a partir disso, a origem da filosofia é a perda da unidade (uno), a morte do sentido. Assim, as questões *Por que a unidade foi perdida?* e *Por que os contrários se tornaram autônomos?* passam a significar o território de abordagem, no qual analisa a perda da unidade entre humanidade e mundo: se havia um sentido, como esse sentido foi perdido?<sup>19</sup>

Lyotard propõe estudos em Hegel e Heráclito com a intenção de analisar os questionamentos. Se, para Hegel, a filosofia nasce de algo que morre, esse algo era um poder de unificação. Esse po-

<sup>14</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar??: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>15</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar??: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>16</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar??: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>17</sup> LYOTARD, Jean-François. Por qué desejar? In: *Por qué filosofar??: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 79-99.

<sup>18</sup> LYOTARD, Jean-François. Filosofia y origen. In: *Por qué filosofar??: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>19</sup> LYOTARD, Jean-François. Filosofia y origen. In: *Por qué filosofar??: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

der unificava as oposições, as quais, submetidas a ele, estavam em relação e interação ativa. Quando esse poder se esvanece, a relação e a interação conhecem seu ocaso e o que estava unido se percebe autônomo. Onde havia uma única lei que regia os contrários, predomina uma multiplicidade de ordenações separadas, desordens. A filosofia nasceria no luto da unidade, na separação e na incoerência, retomando Hegel, Lyotard afirma que "a excisão (discensão, discórdia, duplicação) é a fonte da necessidade da filosofia".<sup>20</sup> Investigando acerca de quais unidades ou de qual poder de unificação Hegel está tematizando, e o que são os opostos, cuja clivagem corresponde à chegada da filosofia, Lyotard afirma que as objeções aos conceitos: espírito e matéria, alma e corpo, fé e entendimento, liberdade e necessidade, entre outros, eram os significantes que sustentavam o peso dos interesses humanos. O que interessa aos seres humanos, o que se encontra colocado entre eles, o que os une uns aos outros e que une as suas vidas a si mesmas, esses interesses, tendiam fortemente para essas interações, já que "as oposições que antes eram significantes passaram, com o progresso da cultura, para uma forma de oposições entre razão e sensibilidade, inteligência e natureza; em respeito ao conceito universal entre subjetividade absoluta e objetividade absoluta".<sup>21</sup> Porém, para Lyotard, as relações entre os elementos citados por Hegel, antes da separação, já são filosóficos. Então, questiona se é realmente necessário dissociar para começar a filosofia, ou podemos entender que a separação a partir da qual surge o desejo de filosofar não quer dizer simplesmente a separação dos termos, mas que essa separação mantém em si mesma, sob uma nova forma, a unidade que ela mesma destruiu (a unidade que destrói a si mesma?).<sup>22</sup>

Para Lyotard, esse é um problema que deve ser considerado, o qual analisa a partir de estudos

dos fragmentos de Heráclito. O pensador afirma que o pensamento de Heráclito contém a tese de que a unidade está na multiplicidade, com harmonia e contradição em cada uma delas, na unidade e na multiplicidade. Além disso, o pensamento de Heráclito não é um pensamento comum, é um pensamento que se opõe aos demais pensamentos e valorações dos pré-socráticos. Se a unidade da que falam Hegel e Heráclito foi algo já morto de sua forma absoluta, não conseguiríamos hoje problematizar a sua ausência, o desejo dela mesma, não poderíamos tampouco falar acerca dela. Nesse sentido, a pergunta *Por que foi perdida a razão, a unidade?* se suaviza diante de um problema com o qual se relaciona, uma abordagem difícil de tratar, a saber, o tempo. Nesse sentido, para Lyotard, o tempo é aquilo que conserva o que se perde, o que se perdeu. Se o tempo se relaciona com a história, e isso nos convida a conhecer a origem da filosofia no sentido em que o historiador fala da origem, percebemos que não é possível conhecer bem a origem da filosofia. Porém, conseguimos perceber que essa busca (opaca) demonstra que a filosofia foi uma parte necessária desse todo e a esse todo (o mundo grego).<sup>23</sup>

Ao colocarmos a questão ao modo do historiador, devemos cuidar para não perder a pergunta, percebendo que a pergunta *Por que filosofar?* não se relaciona diretamente com uma pergunta a respeito da origem. A questão da perda da unidade não é simplesmente histórica, não pode ser respondida mediante uma investigação acerca das origens da filosofia. A história da filosofia manifesta em sua textura que a perda da unidade, a excisão que separa a realidade e o sentido, não é um acontecimento na história, é o motivo da história: «a perda da unidade é o motivo da filosofia em um sentido que representa o que nos impulsiona a filosofar; com a perda da unidade, o

<sup>20</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>21</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>22</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>23</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

desejo inicia. [...] A origem da filosofia está nos dias atuais»,<sup>24</sup> o desejo de filosofar acerca e a partir dos motivos que nos levam a pensar que a unidade foi rompida. Isso não significa, para Lyotard, desconsiderar a história da filosofia, desconsiderar a palavra reflexiva, de desejo que se traduz em palavra, ao contrário, conceder à história da palavra reflexiva seu poder e sua presença, sua força de unificação, "levá-la a sério significa compreender que seu motivo, a questão da unidade, não acaba de inquietar".<sup>25</sup> Lyotard afirma que as unidades entre os seres humanos, entre seres humanos e mundo, entre as sociedades, necessitam permanentemente ser restabelecidas. Essa busca que se faz pela unidade no presente, em relação com passado e futuro, demonstra a relação direta da filosofia com o tempo.<sup>26</sup>

Pretender buscar a origem da filosofia é um objetivo vazio, porque a falta de sentido que suscita a filosofia – a perda da unidade – não é algo do passado, está no presente e não cessa de se repetir, e deste modo a filosofia possui a sua origem em si mesma, e que por isso é história e se relaciona com o tempo.<sup>27</sup>

Da mesma forma, o filosofar se relaciona com a palavra filosófica. Para Lyotard, a palavra filosófica não captura o desejo, mas com a filosofia o desejo inicia, a partir da oposição entre ausência e presença, o movimento que nasce entre os extremos, os quais são encontrados no centro mesmo da palavra. Por um lado, estão no desenvolvimento do discurso em busca do seu pleno sentido, na penúria de significado de qualquer palavra, e, por outro lado, estão no enclausuramento da palavra no sentido (ao sentido), seu excesso de significado, sua riqueza semântica.<sup>28</sup>

A palavra não é filosófica porque pretende responder mediante vocábulos, mediante um sistema, nítido como um fantasma, à questão a qual se posiciona o desejo, mas somente porque sabe que, como toda a palavra, é apreendida, mesmo quando seu maior desejo é apreender.<sup>29</sup>

A palavra filosófica não pode se fechar em um discurso coerente e suficiente, já que está sempre anterior ao que se quer dizer; a palavra filosófica não consegue dizer o quanto o desejo pretende, e ao mesmo tempo diz demasiadamente, e, ainda, somente consegue dizer o que sabe.<sup>30</sup> Para Lyotard, se nos focarmos somente nas teses anteriores, poderíamos concluir que filosofar não serve e não conduz a nada, já que é um discurso que não obtém jamais conclusões definitivas, já que é um desejo que se desenrola indefinidamente com sua origem, um vazio que não se pode preencher. Além disso, eternamente necessitado, vivendo da palavra como recurso, o filósofo faz um papel triste diante de seus colegas professores, já que esses ao menos possuem coisas para ensinar. A pergunta *Para que serve filosofar?* também pode ser respondida pelo eco de um tribunal específico em Atenas, por volta de 399 a.C., o qual responde que efetivamente não serve para nada, e anuncia: exílio ou morte. Se, em nossas civilizações desenvolvidas, já não se mata filósofos com cicuta, eles podem ser mortos de outros modos, dentre muitos, pode-se colocar o filósofo em algum lugar à parte, de tal forma que "seu vazio não faça demasiado ruído, não entre em demasiada discordância com a rica melodia do desenvolvimento".<sup>31</sup>

Lyotard cita a décima primeira tese sobre Feuerbach, escrita pelo jovem Marx em 1845: "os filósofos têm apenas interpretado o mundo de diversas

<sup>24</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>25</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>26</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>27</sup> LYOTARD, Jean-François. *Filosofia y origen. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 101-120.

<sup>28</sup> LYOTARD, Jean-François. *Sobre la palabra filosófica. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 121-143.

<sup>29</sup> LYOTARD, Jean-François. *Sobre la palabra filosófica. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 121-143.

<sup>30</sup> LYOTARD, Jean-François. *Sobre la palabra filosófica. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 121-143.

<sup>31</sup> LYOTARD, Jean-François. *Sobre filosofía y acción. In: Por qué filosofar?: cuatro conferencias.* Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

formas, na verdade, se trata de transformá-lo"<sup>32</sup> e compreende a tese como uma oportunidade para refletir acerca da impotência de um tipo de filosofar. Retomando a transformação que pretende em relação ao conceito de filosofar, afirma que dizer transforma o que foi dito, e não se pode transformar algo sem conhecer o que se quer fazer, sem dizê-lo, sem discuti-lo. Suas razões para restabelecer a relação entre filosofia e ação estão na relação recíproca entre dizer e fazer. Se Marx realiza uma crítica à filosofia, analisando-a como incontinência verbal, reflexão separada da realidade, ou um tipo de ideologia, afirmando que a história arrasta os filósofos porque eles não ocasionam nem prejuízo nem benefício, Lyotard compreende que a noção filosofar enquanto transformação implica em considerar que transformar não significa fazer uma coisa qualquer. Se é preciso transformar o mundo, é porque há nele uma aspiração à outra coisa, é porque o que lhe falta já está dado, é porque a sua própria ausência está presente diante dele. Se devemos transformar o mundo é porque ele mesmo já está se transformando. No presente existe algo que anuncia e antecipa, que chama o futuro.<sup>33</sup>

Existe um sentido que circula pelas coisas, pelas relações entre os seres humanos, e transformar realmente o mundo significa liberar esse sentido, conceder poder. [...] é visível agora a profunda analogia que existe entre falar e fazer. [...] Este significado, em sua vez presente e ausente, é o que concede a esta transcrição que é a palavra não somente a plena responsabilidade, do risco de errar, mas também da possibilidade de ser verdadeira.<sup>34</sup>

Lyotard pergunta: *Qual é o sentido latente da realidade, qual a aspiração, o desejo? Como expressar o desejo da realidade para que possa atuar; como dizê-lo?* Assim, a ação transformadora não pode deixar de ser uma *teoria* no verdadeiro

sentido da palavra, ou seja, é uma palavra que se arrisca a dizer, uma palavra que deseja o desejo da realidade. Cita Marx novamente: "Não basta que o pensamento busque a realização, é necessário ademais que a realidade busque o pensamento".<sup>35</sup> O pensamento e a palavra somente podem ser verdadeiros se a realidade vem ao pensamento, se o mundo vem à palavra. A ação, entendida como transformação do mundo supõe reconhecer para transformar. A crítica de Marx acerca da filosofia oferece uma reflexão a respeito da relação entre filosofia e ação: se é verdade que o mundo pode ser transformado, é porque existe um sentido na realidade que pode acontecer, porém, se é verdade que o sentido pode acontecer, significa que sua efetivação está impedida de alguma forma.<sup>36</sup>

Para Lyotard, o filosofar enquanto transformação necessita da análise do significado da ação. A humanidade não perderá o desejo, a percepção da presença-ausência, não encontrará refúgio nem na ação, porque essa, longe de ser um refúgio, colocará em exposição mais abertamente do que qualquer reflexão a responsabilidade de dizer o que precisa ser feito, a responsabilidade de ouvir e transmitir, por sua conta e risco, o significado latente do mundo sobre o qual queremos atuar. A noção filosofar enquanto transformação se relaciona com a percepção de que o mundo não pode ser transformado sem uma tentativa de compreendê-lo, e, ainda, o filosofar também é o momento em que o desejo que está na realidade vem a si mesmo, o momento em que a falta que sentimos por sermos indivíduos e coletividade ao mesmo tempo se nomeia e, ao nomear-se, se transforma. E, principalmente, porque não podemos evitar a tentativa de atestar a presença da falta com a palavra. A cada vez que ocorre essa tentativa, não há como não filosofar. A pergunta final da reflexão de Lyotard é: *Como não filosofar?*<sup>37</sup>

<sup>32</sup> LYOTARD, Jean-François. Sobre filosofía y acción. In: *Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

<sup>33</sup> LYOTARD, Jean-François. Sobre filosofía y acción. In: *Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

<sup>34</sup> LYOTARD, Jean-François. Sobre filosofía y acción. In: *Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

<sup>35</sup> LYOTARD, Jean-François. Sobre filosofía y acción. In: *Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

<sup>36</sup> LYOTARD, Jean-François. Sobre filosofía y acción. In: *Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

<sup>37</sup> LYOTARD, Jean-François. Sobre filosofía y acción. In: *Por qué filosofar?: cuatro conferencias*. Trad.: Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989. p. 145-164.

## Referências

LYOTARD, Jean-François. *Discours, figure*. Paris: Klincksieck, 1971.

LYOTARD, Jean-François. *Le Différend*. Paris: Minuit, 1983.

LYOTARD, Jean-François. *La Condition postmoderne*. Paris: Minuit, 1979.

LYOTARD, Jean-François. *Le Postmoderne expliqué aux enfants*. Paris: Galilée, 1986.

LYOTARD, Jean-François. *Por que filosofar?:* cuatro conferencias. Barcelone: Paidós, 1964.

LYOTARD, Jean-François. *Por qué filosofar?:* cuatro conferencias. Trad. Godofredo González. Barcelona: Paidós Ibérica, 1989.

LYOTARD, Jean-François. *Moralités postmodernes*. Paris: Galilée, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *O método desviante*. Revista Trópico, p. [1-4], dez. 2006.

OÑATE, T. Entrevista com Jean-François Lyotard. *A Parte Rei*: Revista de Filosofia, España, n. 49, p. 1-10, Enero. 2007.

---

## Felipe Szyszka Karasek

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor da Faculdade Meridional (IMED) em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

Felipe Szyszka Karasek

Faculdade Meridional - IMED

Rua Dona Laura, 1020

MontSerrat, 90430090

Porto Alegre, RS, Brasil